

Médicos querem leis sobre bebê de proveta fora da Constituinte

aula de H. do
DENISE RIBEIRO*
Da Reportagem Local

Ter filhos, atualmente, parece não ser mais um grande problema para muitas mulheres que não conseguem engravidar. Com a diversidade dos métodos de reprodução humana, o casal estéril pode optar pelo método que mais convém à natureza de sua disfunção. O profissional que atua nessa área, chamado esterileuta, esbarra em problemas éticos, que necessitam de normatização. O assunto vem merecendo a atenção dos constituintes, que, no entanto, ainda não tem uma posição fechada sobre a forma de regulamentar — ou proibir — tais práticas.

O que está valendo, no momento, é um artigo no anteprojeto da Comissão de Sistematização, que permite as experiências com seres humanos sob controle do Estado. Mas há quem discorde dele, como o médico e deputado Bosco França (PMDB-SE), que sugere aos que não podem ter filhos, a adoção de uma criança abandonada. Já o deputado Eraldo Tinoco, relator da Subcomissão da Família, afirma que a Constituinte não pode deter o avanço da Ciência, nem impedir que se retire um óvulo da mulher, fecunde-o e depois deixe que o embrião se desenvolva dentro da própria mãe.

“É dever da Medicina, se o casal realmente deseja filhos, dar uma mãozinha”, diz o médico e professor Nilson Donadio, presidente da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana e criador do Centro Biológico de Reprodução Humana Santa Casa-Santa Isabel (em Santa Cecília,

região central de São Paulo), onde já nasceram treze crianças, cinco, filhas de mães sem recursos. Segundo o médico, a maioria dos constituintes que pedem a proibição “são homens, com filhos, que nunca sentiram a esterilidade conjugal”, problema que atinge 15% de casais no Brasil ou 1,5 milhão de mulheres na época da fertilidade.

Os métodos

Acusando os deputados de falta de informação, Donadio aponta as diferenças entre os métodos de reprodução humana. Na inseminação artificial, o sêmen colhido do homem é introduzido no útero ou na vagina da mulher.

Na fertilização “in vitro” (bebê de proveta) ou Fivete (fertilização “in vitro” e transferência de embriões), os óvulos são colhidos e reunidos em laboratório ao material masculino. Segundo o médico, assim que os embriões se formam — geralmente depois de dois dias —, são imediatamente transferidos para o útero. De cem mulheres que se submetem a este método, 20% engravidam. No mundo inteiro, seis mil bebês já nasceram pelo Fivete.

O método Gift (Gamet IntraFallopium tube transfer ou transferência imediata de gametas para as trompas), como o próprio nome diz, transfere os gametas em gotas para as trompas.

É o Fivete que causa a maior polêmica na Igreja, segundo Donadio, devido ao mau uso que eventualmente poderia ser feito dos embriões. Ele afirma que o papa “só condena os exageros e o desrespeito à

vida”, coisa que não ocorre no centro biológico porque não há perda de embriões. “Não há seleção de embriões em laboratório, eles não são jogados fora, nem manipulados. A seleção é feita naturalmente, pelo útero, que normalmente expele os embriões indesejados.”

De acordo com o padre Júlio Munaro, da Pastoral da Saúde de Arquidiocese de São Paulo, a posição oficial da Igreja é que sem relação sexual “não se realiza a plenitude do amor matrimonial, ponto de partida para a procriação humana”.

Primeiro bebê

A paranaense Ilza Maria Caldeira, 37, mãe de Ana Paula Caldeira, de 2 anos e nove meses, primeiro bebê de proveta anunciado no Brasil, afirma que o amor de um casal que quer um filho e não consegue é ainda maior. “A Igreja só aceita filhos nascidos do ato sexual, mas se esquece que há muitos filhos indesejados. Nunca um bebê fertilizado “in vitro” será indesejado. Se o mundo fosse povoado só de pessoas desejadas, todos seriam mais felizes”, diz Ilza.

Donadio afirma que o Brasil deveria seguir o exemplo da França, dando uma “moratória” de cinco anos para o assunto e deixando sua normatização a cargo das comissões de ética médica dos locais onde é praticada. O esterileuta Milton Nakamura, proprietário do Centro de Planejamento Familiar de São Paulo e responsável pelo nascimento de Ana Paula e outros catorze bebês, acredita que a matéria é constitucional, mas que, a exemplo do que foi feito nos EUA, Austrália e Inglaterra,



Ilza e sua filha Ana, o primeiro bebê de proveta a ter seu nascimento anunciado

de óvulos seja feita mais rapidamente, através da vagina, com uma simples anestesia local. Antes dele, a captação era feita por laparoscopia, através de um corte no abdômen que requer internação hospitalar.

A nova técnica, segundo Donadio, beneficiará, de imediato, setecentas brasileiras que não têm trompa, além de baratear o preço da fertilização “in vitro”, atualmente em torno de de US\$ 1 mil (Cz\$ 43,6 mil), mas agora poderá ficar até cinco vezes menos mais barata.

Um novo aparelho que acaba de ser instalado no centro biológico da Santa Casa permitirá que a captação

de óvulos seja feita mais rapidamente, através da vagina, com uma simples anestesia local. Antes dele, a captação era feita por laparoscopia, através de um corte no abdômen que requer internação hospitalar.

A nova técnica, segundo Donadio, beneficiará, de imediato, setecentas brasileiras que não têm trompa, além de baratear o preço da fertilização “in vitro”, atualmente em torno de de US\$ 1 mil (Cz\$ 43,6 mil), mas agora poderá ficar até cinco vezes menos mais barata.

Todos os treze bebês nascidos no Centro Biológico da Santa Casa (no Brasil não há estatísticas globais, porque os prontuários das instituições privadas não são divulgados, segundo Donadio) atendem os códigos de ética médica da instituição, que só aceita a inseminação homóloga (feita com material de um mesmo casal) e condena o congelamento de embriões e a inseminação heteróloga (feita com material de doador).

Doença

A gravidez pode ser a cura para uma doença que ataca 40% das mulheres estérteis. A endometriose pélvica, um conjunto de verrugas localizadas atrás e dentro do útero, no ovário e por fora das trompas, causa forte dores, porque as verrugas, formadas pelo mesmo material que reveste o colo do útero, sangram todo o mês, durante o ciclo menstrual. O máximo que se consegue, numa operação convencional, é retirar o maior número de verrugas possível, para que as dores diminuam. Mas, como há verrugas microscópicas, a doença se renova a cada menstruação.

No dia 25 de junho de 86, numa pequena cidade do Rio de Janeiro, nasceu um menino de 3,09 quilos, fertilizado “in vitro” e transferido para a única trompa sadia de sua mãe, no final de uma operação de endometriose pélvica. A mãe, segundo o professor Nilson Donadio, está curada, porque as verrugas microscópicas cicatrizaram durante a gestação do bebê.